



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 13 DE NOVEMBRO DE 1960.

NO BANQUETE QUE LHE FOI OFERECIDO PELA REVISTA
O CRUZEIRO, SOBRE O DESENVOLVIMENTO NACIONAL.

A esta revista, que hoje me acolhe, deve muito o 1145
meu Governo, pois, com freqüência, em suas páginas,
apareceram nestes cinco anos reportagens opulenta-
mente ilustradas por fotografias em que, aos olhos do
público numerosíssimo de *O Cruzeiro*, ia sendo reve-
lada a autêntica revolução que se realizou em meu
período administrativo. Hoje sou aqui recebido com
esta festa generosa, e a um dos mais ilustres cidadãos
das letras e do jornalismo brasileiro, membro eminente
da sociedade de espíritos que Assis Chateaubriand
reuniu em tórno de sua fecunda atividade — o Senhor
Austregésilo de Athayde, Presidente da Academia Bra-
sileira de Letras — cabe a tarefa de confirmar que
avancamos impetuosamente em cinco anos. Avança-
mos, nos jogamos numa precipitada fuga ao atraso e
à estagnação em que jazíamos. Isto foi aqui, neste
momento, reconhecido por um homem credenciado
diante do público, não só pelo valor de sua inteligência,
como pelo seu bastante provado desinterêsse pessoal.

Não posso deixar de manifestar o meu contenta- 1146
mento por esta festa. Quase tudo aquilo a que aspirei
fazer em prol do Brasil eu o fiz. E surpreendo-me de o
ter conseguido, porque me foram oferecidas dificul-
dades imensas, ciladas e resistências de tôda ordem.
Vi-me envolvido em numerosas batalhas, nas quais me

empenhei, juntamente com auxiliares capazes e obstinados, socorrendo-me de uma energia que não era minha, mas que Deus me emprestou caridosamente quando ela se fêz necessária. Tive de atirar-me à luta — pela integração do Brasil em si mesmo —, enfrentando não só constantes perigos, como resistindo ao perigo maior, que foi o de não me deixar seduzir pelos que me aconselhavam a deixar que corressem com tranquilidade os meus dias, e que eu teria todo o proveito em não desafiar os defensores do atraso, e todos aquêles que acham verdadeiro crime uma nação tão perigosamente grande como esta nossa tomar decisivas e urgentes providências para cumprir o seu destino.

1147 Não tenho medo da impressão que possa causar, repetindo e reafirmando que a batalha do desenvolvimento nacional é a própria luta pela nossa sobrevivência. Dia virá em que as minhas palavras terão um sentido bem mais claro — quando homens sem ódios, sem prevenções, examinarem o que aconteceu neste quinquênio, e não apenas contabilizando a favor desta administração tudo o que foi possível levar a efeito, mas dando-se também conta dos obstáculos encontrados pelo caminho. Aí então, à luz do julgamento sereno, ficará patente que as afirmações que tenho feito não obedeceram ao simples gôsto de falar ou de autopropaganda, mas a uma necessidade de campanha, a uma obrigação de alertar o país contra os partidários do atraso, contra as resistências ao nosso dever de apressar o Brasil, de retirá-lo da letal lentidão em que se arrastava.

1148 Não chegou ainda a hora de provar o acêrto com que deixamos de lado certas regras e doutrinas, as quais, adotadas com o rigor reclamado por alguns teóricos, nos impediriam de resolver nossos problemas de estrangulamento. Dentro de alguns anos — livres das paixões polêmicas, dos choques resultantes das divergências de

pontos-de-vista antagônicos — é que teremos as conclusões exatas, a verificação de que agimos de acôrdo com a necessidade de defender a unidade nacional e a nossa própria sobrevivência.

Não me arrependo do que fiz. Não me arrependo de ter levado em consideração o interêsse de preservar o nosso dia de amanhã — o futuro da pátria brasileira. 1149

Mas não me vou estender demasiadamente no exame da política de desenvolvimento, obstinadamente por nós levada a efeito nestes cinco anos. Desejo, no pronunciamento de hoje, dar mais uma vez as razões e os objetivos da política internacional do meu Govêrno. As possibilidades de repercussão que *O Cruzeiro* me oferece são tentadoras para tratar de um tema apaixonante, como o é o da projeção do Brasil no exterior. 1150

A política internacional de meu Govêrno, que teve na Operação Pan-Americana a sua mais alta expressão criadora, foi uma decorrência necessária de um fato de meridiana evidência: a urgência de se acelerar o desenvolvimento econômico do Brasil a fim de restabelecer o equilíbrio entre êsses três fatores básicos na economia de qualquer nação: a população, os investimentos e os níveis de vida. Não seria possível alcançar êsse objetivo sem ajuda externa, considerando que o Brasil se situa entre as nações em que o impulso inicial do progresso econômico é perturbado por uma sobrecarga demográfica em plena expansão, e nas quais a poupança nacional não é suficiente para atender às necessidades indispensáveis da infra-estrutura. 1151

De outro lado, vinha-se acentuando, de maneira inquietante, o desnível econômico entre as nações industrializadas e os países semi e sub-desenvolvidos, porque as nações menos desenvolvidas não conseguem, nas atuais condições da cooperação internacional, su- 1152

plementar o esforço próprio mediante um auxílio externo de envergadura que lhes permita atingir e manter uma taxa de crescimento capaz de conduzi-las à fase de um desenvolvimento razoavelmente autônomo, com base em recursos internos.

1153 A Operação Pan-Americana partiu da consideração de que, se não fôsem tomadas medidas enérgicas e de larga visão no campo da cooperação multilateral, após a fixação de metas de crescimento para a América Latina e a quantificação de recursos necessários para alcançá-la, veríamos agravar-se perigosamente, em progressão geométrica, a situação atual, com graves conseqüências para a paz social e a sobrevivência do próprio regime democrático na América Latina.

1154 Nessas circunstâncias, só os espíritos rotineiros e tímidos poderiam negar que o Brasil estava a exigir a formulação de uma nova política exterior, que se coadunasse perfeitamente com as novas exigências de um país em processo de violenta mutação social e econômica.

1155 Porque, de fato, a nação que o povo brasileiro me confiou, há cinco anos atrás, já não era mais a sociedade estática tradicional, estruturada sobre bases semifeudais, desprovida praticamente de uma classe média, com uma elite altamente europeizada e alienada das realidades nacionais, e um povo que vivia conformado e entregue às tarefas de uma economia primária e sem horizontes. Ao contrário, o Brasil se transformara, rompendo com o país arcaico e mostrando-se disposto a superar as velhas estruturas econômicas, que só lhe permitiam um progresso moroso, incapaz de absorver o impetuoso crescimento demográfico da nação.

1156 Na verdade, este país que me foi dado governar é — como em outras palavras o admitiu o vosso ilustre

orador — um novo país, irrequieto e audaz, inconformado e dinâmico, nascido da profunda revolução política, econômica e social que aqui se vinha processando desde 1930. Não é mais o Brasil uma nação estagnada e alheia às suas próprias possibilidades de expansão econômica, nem tampouco uma nação que aceite as regras da divisão internacional do trabalho, porque já não ignora que as mesmas redundam sempre em maiores vantagens para os países industrializados que hábilmente as formularam em benefício próprio.

O crescimento da população brasileira, a rápida urbanização do país, o ritmo intenso das migrações internas, a ascensão econômica, social e política dos imigrantes europeus e de seus descendentes, bem como o avanço industrial, foram fatores positivos que se conjugaram para plasmar um Brasil moderno surpreendentemente jovem e impetuoso, determinado a apossar-se sem vacilações da direção do seu destino e a transformar em riqueza atual a imensa potencialidade econômica da nação. 1157

Desde o início do meu mandato, vibrou em mim a convicção profunda de que não estaria sendo fiel ao povo que me elegera, se não interpretasse as suas aspirações de desenvolvimento no plano internacional. Um povo efervescente e dinâmico, que se recusava a submeter-se a moldes políticos e econômicos obsoletos, não poderia contentar-se com uma política exterior passiva e meramente reflexa, como se nada tivesse a reivindicar no sistema de suas relações externas e se julgasse satisfeito em receber apenas o impacto da iniciativa alheia. 1158

Era evidente que a simples preservação do *statu-quo* territorial passara a ser um objetivo por demais limitado para a política externa do Brasil. Alheio a qualquer ambição de conquista externa, o Brasil sentia que, para 1159

garantir a própria segurança e promover a prosperidade nacional, era urgente conquistar o seu imenso espaço interior a fim de fazer coincidir com suas fronteiras políticas as fronteiras de uma economia em expansão, capaz de acompanhar o ritmo do seu crescimento demográfico.

1160

Ao adquirir essa consciência de que a única maneira de garantir a segurança nacional, a paz social, e a estabilidade das suas instituições democráticas seria acelerar o próprio desenvolvimento, e de que lhe faltavam recursos internos para atacar as obras fundamentais de sua infraestrutura, o Brasil sentiu-se solidário com os povos subdesenvolvidos de todo o mundo, que enfrentavam dificuldades análogas às suas para vencer as condições negativas do subdesenvolvimento. Ao mesmo tempo, porém, nossa formação histórico-cultural nos levou a procurar, dentro do contexto político continental, a definição de uma nova política interamericana, de um novo sistema de cooperação econômica que tornasse possível aos países da América Latina resolver o problema do seu desenvolvimento sem recorrer a formas antidemocráticas e desumanas de planejamento.

1161

Essa foi, na verdade, a idéia geradora da Operação Pan-Americana, que não hesito em considerar a tentativa mais séria que se levou a cabo nos últimos anos, neste continente, no sentido de se mobilizarem os recursos disponíveis no campo democrático, em prol da redenção econômico-social do homem americano. Se a OPA teve a repercussão que teve, a ponto de constituir hoje a idéia-fôrça de um pan-americanismo em processo de renovação, foi porque correspondeu a um estado de espírito coletivo dos povos americanos, que poderíamos sintetizar na convicção de que as relações entre os povos desenvolvidos e subdesenvolvidos não voltarão jamais a ser o que foram no passado.

Seria imprudente não reconhecer que o pan-americanismo vive neste momento sua hora crucial: ou se renova para criar uma comunidade internacional verdadeiramente solidária e capaz de elevar o nível de vida de sua população, ou se desagregará sem apêlo possível, arrastando consigo os valores fundamentais da democracia e da liberdade. 1162

Um exame perfunctório da atuação das Américas será suficiente para nos convencer de que somos um continente em crise. Não resta dúvida de que a crise do subdesenvolvimento é universal, bastando lembrar que 70 % da população mundial são constituídos por povos subdesenvolvidos, que se debatem no trágico círculo vicioso de nossa época: são pobres porque produzem pouco, e produzem pouco porque são pobres demais para obter os meios de produzir mais. Mas o que torna particularmente dramática a conjuntura latino-americana é o fato de, ao contrário de outros povos mais distantes, sermos povos já inscritos, pela sua formação cultural, na comunidade dos povos democráticos, e que, no entanto, se vêm impossibilitados de alcançar níveis de vida compatíveis com a prática da democracia e o exercício efetivo da liberdade. 1163

Esse contraste tão chocante entre a constelação de valores que define o ideário americanista e as duas realidades do subdesenvolvimento continental se encontra à raiz de tôdas as perturbações que sacodem ominosamente, nesta hora, as próprias bases do pan-americanismo. 1164

Escrevendo recentemente para uma revista norte-americana, tive ocasião de afirmar que a explosão demográfica latino-americana e a crescente politização dos povos dêste Hemisfério constituem dois poderosos fatores que nenhum govêrno pode ignorar, e que estão a exigir uma teoria dinâmica de desenvolvimento para reger a cooperação econômica interamericana, sob 1165

pena de vermos os grupos moderados da América Latina perderem cada vez mais terreno para os líderes revolucionários ou neutralistas, que encontram no subdesenvolvimento continental razões para fomentar o antiamericanismo e preconizar terapêuticas antidemocráticas.

1165 Considero uma perigosa ilusão acreditar-se que o Sistema Interamericano tem a sua estabilidade e sobrevivência asseguradas por um conjunto de fatores geográficos e econômicos que tornariam impossível ou problemática, para qualquer país latino-americano, uma opção política extracontinental. Se durante muitos anos a geografia e a economia condicionaram de modo mais ou menos fatal as relações interamericanas, creio não restar dúvida de que as assombrosas realizações da tecnologia contemporânea tornaram praticamente obsoletos critérios políticos inspirados em determinismos geográficos ou fatalismos econômicos.

1167 Urge que nos convençamos de que o pan-americanismo não sobreviverá, a menos que os povos americanos desejem efetivamente a sua sobrevivência, e que, para que essa vontade coletiva exista, é indispensável que 200 milhões de latino-americanos encontrem, no Sistema Interamericano, não apenas um sistema de aliança político-militar, mas também um instrumento eficaz, a serviço do desenvolvimento continental.

1168 Estou seguro de que essa compreensão de que a unidade e a solidariedade interamericanas não são dádivas da História, mas devem ser permanentemente recriadas pela vontade política de todo o Continente, está se afirmando dia a dia, através de toda a América, e conduzirá finalmente os povos americanos à formulação de uma política de desenvolvimento que elimine do Hemisfério os índices do subdesenvolvimento, e rompa de uma vez por todas o "círculo vicioso da pobreza".

Não vejo outro caminho para se evitar que os povos latino-americanos, cada vez mais pressionados por uma conjuntura econômica extremamente desfavorável aos seus interesses vitais, procurem na heresia revolucionária a solução para os seus males. 1169

Quero crer que os líderes democráticos que detêm em suas mãos as chaves do poder mundial e que, em consequência, arcam com a responsabilidade de salvaguardar os valores essenciais de nossa crença democrática, hão de capacitar-se de que nada valerão os preparativos de defesa militar, se não fôr travada com urgência, na frente interna do Ocidente, a batalha contra a miséria e a estagnação. 1170

Não nos enganemos: estamos vivendo, não apenas na América Latina, mas em todo o mundo, situações radicalmente novas, que exigem o estabelecimento de um novo sistema de relações entre os povos altamente industrializados e os povos subdesenvolvidos. Não é concebível que, diante da ameaça que representa para o Ocidente o comunismo internacional, as nações democráticas se mostrem incapazes de superar os erros do passado e de formular uma política de grandeza, que demonstre a capacidade da democracia de atender às necessidades da maioria esmagadora da humanidade, constituída por povos que ainda vegetam no limiar da civilização moderna. 1171

Talvez sejam estas as últimas palavras que terei ocasião de pronunciar sôbre os rumos principais que desejei dar à nossa política externa. 1172

Ao terminar, desejo agradecer-vos mais uma vez por esta prova de amizade; pelas admiráveis palavras do ilustre doutor Austregésilo de Athayde; e pela oportunidade de reafirmar a minha fé em nossa pátria. As vozes pessimistas, anunciadoras de desgraças, serão desmentidas pela realidade; dentro em breve, da terra 1173

brasileira, lavrada e semeada em condições tão adversas, começarão a surgir os frutos esperados.

1174 Nossos sacrifícios comuns hão de conhecer as bênçãos e a gratidão das novas gerações. Não há mais belo destino para quem pensa em seu país com generosidade e ambição.